

A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA AUTOFICCIONAL DE *PESSACH: A TRAVESSIA*, DE CARLOS HEITOR CONY

LITERATURE AS AN INSTRUMENT OF RESISTANCE: AN ANALYSIS OF AUTOFICTIONAL NARRATIVE PESSACH: A TRAVESSIA, BY CARLOS HEITOR CONY

Eduardo Luiz Baccarin Costa¹ (UEL)

Resumo: O presente artigo, parte integrante da nossa Dissertação de Mestrado, procura, de maneira sucinta, analisar o romance **Pessach: a travessia**, de Carlos Heitor Cony. Para chegar a esse objetivo, trabalharemos sob a perspectiva de romance histórico proposto por Esteves (2010) e metaficção historiográfica defendida por Hutcheon (1991). Também consideraremos o ponto de vista do narrador e da narrativa de Genette (2000) e Benjamin (1993), a fim de compreender como este romance foi decisivo para a construção de uma literatura mais engajada à esquerda, de uma escrita que, a partir da memória fosse resistência à Ditadura Militar, contribuindo para o surgimento de uma postura inovadora, do ponto de vista estético, no romance brasileiro no Século XX.

Palavras-chave: Romance brasileiro. Carlos Heitor Cony. **Pessach: a travessia**. Memória. Ditadura.

Abstract: This paper, a part of my Master's Dissertation, briefly seeks to analyze the novel **Pessach: a travessia**, by Carlos Heitor Cony. Bearing that in mind, I will work from the perspective of a historical novel proposed by Esteves (2010) and historiographic metafiction defended by Hutcheon (1991). We will also consider the point of view of the narrator and the narrative of Genette (2000) and Benjamin (1993), in order to understand how this novel was crucial in the construction of a more engaged left-wing literature, of a writing that, stemming from memory would offer resistance to the Military Dictatorship, contributing to the emergence of an innovative stance, from the aesthetic point of view, in the Brazilian novel of the 20th century

Keywords: Brazilian Novel. Carlos Heitor Cony. **Pessach: a travessia**. Memory. Dictatorsh.

Introdução

Ao longo de todo o processo de construção da civilização, são inúmeros os processos dialógicos entre literatura e história. Se tomarmos como recorte temporal os fatos ocorridos após a Segunda Guerra Mundial, já teríamos um escopo bastante privilegiado de como a literatura e a história têm muitos pontos de contato, mesmo por discursos distintos. Pensando tais relações discursivas, estas duas áreas apontam por meio da escritura ficcional ou testemunhal vários episódios traumáticos que marcaram a chamada pós-modernidade.

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: eduardobaccarin@gmail.com

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência:** uma análise da narrativa autoficcional de **Pessach: a travessia**, de Carlos Heitor Cony.

Acrescente-se a isso que quando se fala em pós-modernidade uma das características tanto das narrativas quanto dos narradores desse período é a fragmentação do ser humano. Neste processo, como apontam vários teóricos como Hall (2006) e Hutcheon (1999), discursivamente, são enunciadas várias crises de identidade, angústias metafísicas, tensões sociais etc.

Porém, o caráter fragmentado do homem não pode ser atribuído exclusivamente a esse período. Em outros momentos importantes da literatura esse homem atravessado e em crise identitária e existencial é revelado, como podemos ver em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, para tomarmos um exemplo clássico. Ou mesmo na segunda década do século XX, já em pleno modernismo nas *Memórias Sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade. Pensando no homem oprimido socialmente, um relato bastante expressivo dessa fragmentação do homem acontece, por exemplo, quando Euclides da Cunha relata a saga de Antônio Conselheiro, em *Os Sertões* ao narrar os acontecidos no sertão da Bahia no final do Século XIX, chamado o “Massacre de Canudos”. Talvez esse tenha sido o primeiro momento em que o discurso literário, sociológico e histórico tenha se cruzado e produzido um novo interdiscurso.

Esteves (2010, p. 17) comenta que a Literatura e a História, ainda que apresentem discursos distintos e com objetivos diferentes [...] têm algo em comum: ambas são constitutivas do material discursivo, permeado pela organização subjetiva da realidade feita por cada falante, o que produz infinita proliferação de discursos”. Porém, não é só com os discursos da História que a Literatura dialoga na reconstrução de fatos históricos. No século XIX, por exemplo, ao se aproximar do gênero jornalístico, a literatura tornou-se irônica e crítica e pôde, com esses elementos ainda que, metaforicamente, propor a reflexão do momento social e histórico da época.

Nesse mesmo período, os romances e crônicas de Lima Barreto e João do Rio continuaram um movimento crítico e satírico que teve um importante antecedente, ainda no Romantismo, com as *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Na poesia, o primeiro momento relativamente engajado talvez tenha sido na poesia crítica e satírica do poeta barroco brasileiro Gregório de Matos no século XVII.

Ainda que tudo isto seja relevante não havia um resgate da memória do passado político brasileiro. A poesia abolicionista e o romance regionalista, por exemplo, apresentam

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de *Pessach: a travessia***, de Carlos Heitor Cony.

características diferenciadas do romance político. Desta forma, talvez, o primeiro movimento no sentido de termos um romance eminentemente político como a definição usada por Bakhtin (1988) e Esteves (2011) tenha sido com as *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, na qual são narrados os horrores que o escritor experimentou durante os anos em que foi encarcerado pelo Governo Vargas, a primeira ditadura vivida no Brasil no século XX.

O romance brasileiro do século XX, especialmente a partir da turbulenta década de 1960, mostrou como este gênero é híbrido por natureza, tornando-se um importante instrumento político e social, em diálogos com áreas como jornalismo, história, política, sociologia. A partir dessa década pode-se até mesmo dizer que o a Literatura construiu uma relação de interdiscursividade com essas ciências. Mesmo em narrativas lineares, narradores, enredos e personagens revelam, de forma alegórica, as angústias que o ser humano vivia e procurava traduzir tais angústias em textos que expressassem esse momento.

Hollanda (1979), em seu artigo *Política e Literatura: a ficção da realidade brasileira*, aponta que, a partir de 1960, com a fratura cultural, política e social provocada pelo Regime Militar, a Literatura teve que se recriar. Ainda que fosse, num primeiro momento, pouco controlada pela Censura que via nela um “mal menor” para a estabilidade do Governo, os autores precisavam adotar outros procedimentos para narrar suas histórias. A alegoria foi uma delas. Muitas dessas alegorias foram narradas por meio de romances autobiográficos ou autoficcionais.

Figueiredo (2014), Franco (1998), Selligman-Silva (2003), porém, apontam que esta tendência já era notada na década anterior, a partir de 1967, quando uma visão pessimista de futuro por meio de uma narrativa metaficcional ou autoficcional dialoga diretamente com a falta de perspectiva dos sobreviventes do Holocausto. Franco (2003) vai até mais longe ao afirmar que o trauma das Ditaduras latino-americanas é bem próximo do trauma dos sobreviventes de Auschwitz, ainda que os números sejam bem maiores e o genocídio bem mais cruel quando se trata da Segunda Grande Guerra.

Assim, a partir de 1967, as narrativas começaram a enunciar, ainda que, alegoricamente, uma inquietação que surgia em relação à situação histórica e alguns foram capazes “de captar até mesmo os rumores mais distantes daquele processo de transformação que então caracterizava a vida social brasileira: **Quarup e Pessach: a travessia** sintetizam estas mudanças” (FRANCO, 1998, p.49-50).

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de *Pessach: a travessia***, de Carlos Heitor Cony.

Franco (1998) também ressalta que os romances brasileiros produzidos a partir dos romances de resistência à Ditadura tenderam, em alguns casos, “a desenvolver, pressionados tanto pelas conjunturas políticas quanto pelas peculiaridades de nosso processo de modernização que poderíamos denominar uma espécie de ‘linguagem de prontidão’, adaptando a expressão original de Walter Benjamin” (FRANCO, 1998, p.41).

Süssekind (1985), Perrone-Moisés (1998), Franco (1998) e Silvermann (1995), entre outros teóricos da Literatura Brasileira, apontam a narrativa do eu como uma característica marcante da Literatura produzida no Brasil a partir da década de 1970. Falar em primeira pessoa, registrar os abusos do período ditatorial como uma forma de relato testemunhal foi uma das formas de enunciar, no presente, os traumas vivenciados num passado violento de nossa História.

Ao trazer o passado, seja por meio de romances semiautobiográficos ou por narrativas fragmentadas, está se dialogando com outros fatos históricos e proporcionando certa maturidade às narrativas, pois, como afirma Santiago (1992, p.34): “uma literatura só atinge a maioria com memórias, cartas e documentos pessoais” que reconstruam um discurso ou ressignifiquem fatos.

Dessa maneira, o presente trabalho pretende estudar, ainda que sucintamente, como estes dois romances mencionados por Franco (1998), especialmente o escritor Carlos Heitor Cony, influenciaram a literatura brasileira a partir dos anos 1970 e como eles já apresentam as características dos romances considerados pós-modernos.

2. *Pessach: a travessia*, a narrativa do eu como forma de resistência literária à Ditadura.

Pessach: a travessia é o quinto romance de Carlos Heitor Cony e teve sua primeira edição em 1967 pela Editora Civilização Brasileira. Dividido em duas partes *Pessach: a passagem por cima* e *A travessia* – o livro traz vários intertextos com a saga dos judeus no deserto conforme narrado no livro bíblico de Êxodo, além de ser confessadamente autoficcional. Durante toda a narrativa, os traços biográficos e literários de Cony misturam-se aos do personagem Paulo Simões.

O livro em questão começou a ser produzido em 1965, quando Carlos Heitor Cony esteve preso por quase seis meses, no evento que ficou conhecido como “Os oito da Glória”. No referido episódio, oito intelectuais brasileiros de grande envergadura - entre eles

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência**: uma análise da narrativa autoficcional de **Pessach: a travessia**, de Carlos Heitor Cony.

os cineastas Glauber Rocha e Joaquim Pedro de Andrade; o poeta Thiago de Mello; o dramaturgo Flávio Rangel e o escritor Antonio Callado – além do próprio Cony, reuniram-se para vaiar o alto comando do exército que estava reunido no Hotel Glória do Rio de Janeiro numa assembleia da OEA. O evento só foi realizado no Brasil após o governo “provar” que no país não havia ditadura nenhuma. A esse respeito, o próprio Cony contou-nos - em uma entrevista concedida em seu apartamento em agosto de 2016 - o que de fato estes intelectuais pensavam naquele momento crucial do Brasil:

Glauber, Callado e eu, fomos presos juntos também com outros intelectuais que queriam mudar o Brasil. Não só nós três, com a gente havia também outros como o Flavio Rangel, o Joaquim Pedro de Andrade, que fez “O padre e a moça”, o Tiago de Melo... éramos um grupo de 8 e nós nos juntamos para dar uma vaia para o Castelo Branco e por isso fomos presos. Mas fora isto, havia em todos nós uma participação ativa, seja na arte, seja na literatura... uma participação ativa contra o regime. Nos meios intelectuais, como nas universidades, por exemplo, aceitavam nossa posição - política e literária - e mesmo quem não aceitava, dava repercussão a ela. Então tanto o Callado quanto eu e o Glauber éramos muito requisitados para palestras e reuniões, para falar da nossa obra e da nossa resistência literária (CONY, 2016).

Na fala acima, Cony revela que a intelectualidade da época já tinha noção da violência implantada pela Ditadura Militar - e que viria a se acirrar a partir de 1968 - e que era necessário que se transformasse a literatura, a arte e a cultura em instrumentos de resistência ao Governo. Isso, de certa forma, opõe-se ao que Sússekind (1985) afirma, em seu **Literatura e Vida Literária**, a saber: que o fazer literário não foi exatamente amadurecido no processo do regime de exceção vivido por aqui entre 1964-1985. Ao contrário, Sússekind insiste que este era um processo que já estava sendo concebido e que muitos autores, ainda que tenham se profissionalizado neste período, desfrutaram das benesses que o regime oferecia.

Dando um exemplo de como já havia literatura engajada e de resistência sendo produzida, Cony ressalta a construção que Antonio Callado fez do personagem principal de **Quarup**, Padre Nando. Para ele, o personagem central daquela narrativa - Padre Nando - é uma síntese do militante brasileiro engajado: religioso, apaixonado, em conflito consigo mesmo e mergulhado na defesa daquilo que acredita. Callado, em contrapartida escreveu num artigo para Folha de São Paulo em 1993 que o romance de Cony é quem melhor traduz a angústia do homem brasileiro daquele período.

Paulo Simões, personagem central de **Pessach: a travessia**, para Cony não revela tais características. Contudo, é fragmentado como Padre Nando, revelando mais

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de *Pessach: a travessia***, de Carlos Heitor Cony.

explicitamente “as angústias e os atravessamentos que o sujeito pós-moderno”, para usarmos a expressão de Hutcheon (1991, p. 52). Eagleton acerca dos atravessamentos do sujeito pós-moderno que tanto Simões quando Padre Nando representam, nota que a literatura procurou – em consonância com os tempos – traduzir nos personagens um “eu” desconstruído [...]” que “[...] ainda tem de demonstrar que o não-idêntico pode transformar assim como subverter [...]. (EAGLETON, 1998, p.92)

Pessach: a travessia é confessadamente autoficcional. O livro já começa estabelecendo um contato direto entre autor e narrador-personagem. A história de Paulo Simões começa com a frase: “Hoje faço quarenta anos”. Porém, como lembra Souza (2009), por 30 anos, o referido livro passou por algumas revisões feitas pelo autor durante 30 anos. Na última revisão, publicada em 1997, pela Editora Companhia das Letras, Cony pessoalizou ainda mais a trajetória de Paulo Simões, informando também o momento histórico em que ela foi produzida. Na versão atual, o romance começa assim: “Hoje, 14 de março de 1966, faço quarenta anos.” Cony nasceu nesse dia, em 1926, ou seja, na data mencionada na abertura do romance tanto ele quanto o personagem também fez quarenta anos.

Outra característica do romance autoficcional ou semiautobiográfico de Cony aparece também na análise das condições de produção em que a enunciação irá ocorrer. Como se sabe, **Pessach: a travessia** foi quase que totalmente escrito durante a primeira prisão de Cony no episódio que ficou conhecido como “Os oito do Hotel Glória”, conforme já mencionado. No enredo, Paulo Simões “se inclui” no grupo ao mencionar que tudo era [...] muito bonito. Nove camaradas vão lá, vão o Marechal, vão para cadeia, comem queijos franceses na prisão, são notícias de jornal, provocam manifestos, são soltos, nada aconteceu, apenas enriqueceram a biografia individual de cada um. E daí?” (CONY, 1999, p. 54)

O romance de Cony apresenta o que Bakhtin (1988) denomina de metaliteratura ou o que Genette (2011) define como literatura encaixada, ao narrar a história de Paulo Simões, autor de bastante sucesso comercial e de péssima recepção crítica que vive dos direitos autorais dos seus romances, alguns considerados pornográficos. O tempo presente da enunciação é o dia em que completa 40 anos, e recebe o convite de um amigo para dar uma guinada em sua carreira e sua vida entrando na armada para combater a Ditadura.

Essa luta poderia ser por armas ou por meio de livros que defendam os ideais do Partido Comunista e que, ao final, conclamem os jovens a também pegarem em armas e

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de *Pessach: a travessia***, de Carlos Heitor Cony.

destituírem os militares do poder. De acordo com Souza (2009) e Barros (2003), o personagem que convida Paulo Simões para deixar a literatura erótica e se tornar um autor mais engajado foi inspirado em Zuenir Ventura, conhecido romancista pelo seu engajamento social.

No momento do convite, Paulo Simões vive uma delicada e profunda crise existencial, tanto como pessoa quanto como escritor. Pessoalmente, sua vida amorosa é péssima, sua ex-mulher aparenta estar bem casada, a filha – num colégio interno de freiras – está decidida a ir para França cursar Ciências Sociais, assim que terminar, o equivalente hoje, o Ensino Médio. Profissionalmente, não consegue escrever quase nada. Identitariamente, não consegue se aceitar como judeu – seu nome verdadeiro é Paulo Simon – e o máximo que admite é ser filho de judeus, foragidos de Hitler.

Nesse mesmo dia, recebe a proposta do editor para escrever um conto erótico para uma coleção de conteúdo pornográfico e, na busca de um assunto para atender a encomenda, encontra os originais de um romance inacabado, **Pessach: a travessia**. Neste, estabelece-se uma relação do personagem principal com a saída do Egito do povo judeu. O convite do amigo, a encomenda do editor, a falta de entusiasmo em relação à vida amorosa e profissional fazem com Paulo Simões reflita sobre sua existência e tente reatar alguns elos.

No encontro com a filha, no colégio interno, é confrontado em relação a alguns valores e percebe que o mundo está mudando, que os jovens estão mais críticos e conscientes de seu papel social e político. No encontro com a ex-mulher, tem-se a revelação de que ela está feliz, mesmo sofrendo vários abusos por parte do novo marido, o que reflete os antagonismos da sua geração. Todos esses reencontros e esse percurso em torno na sua própria identidade, mostram a fragmentação do homem pós-moderno que Hall (2003, p. 102) identifica como um deslocamento ocorrido “através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno”. Como as relações estão cada vez, mais fluidas, mais líquidas – usando a expressão consagrada por Baumann – parece inevitável a tal fragmentação do homem pós-moderno, defendida por Hall e na qual constatamos que Paulo Simões está profundamente mergulhado.

Em busca de entender mais o processo de fragmentação que está vivendo e diante da possibilidade de começar uma nova travessia na sua vida, Paulo Simões vai à casa dos pais e encontra-os mais próximos da morte do que imaginava. Surgem, nesta parte da narrativa, os

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de *Pessach: a travessia***, de Carlos Heitor Cony.

primeiros intertextos com a narrativa bíblica e com os testemunhos dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas, a ponto de o pai lhe dar uma cápsula com cianureto para ele tomar caso seja necessário fugir dos perseguidores e daqueles que quiserem levá-lo para a morte. Esse encontro reforça nele a necessidade de ele fazer também a sua travessia.

A guinada na vida de Paulo Simões assim como a mudança na trajetória literária de Carlos Heitor Cony está profundamente ligada a **Pessach: a travessia**. Em cada página do romance, essa espécie de “simbiose” entre autor e personagem parece aumentar como identificam Oliveira (2009) e Barros (2003). Cony, por exemplo, estreou como romancista com *O Ventre*, romance considerado pornográfico por setores da crítica e da Academia, mesmo tendo um relativo sucesso junto ao público. Porém, após conviver com o presidente JK e conhecer melhor os meandros do poder, e com a ascensão dos militares ao poder, tornou-se um cronista combatente e um romancista político a partir de 1967.

Dilema semelhante também é vivido por Paulo Simões: escrever um conto pornográfico tendo um bidê como personagem, retomar o romance chamado **Pessach: a travessia** que faz uma analogia com a saga do povo judeu e atender ao convite do amigo e partir para uma literatura engajada, política, que seja transformadora da sociedade massacrada pelos desmandos da Ditadura.

Simões optará por se tornar um misto de guerrilheiro das armas e das palavras, fazendo uma luta intransigente e de resistência contra o militarismo que silenciou as vozes dissonantes e calou – até com a morte – os discursos oposicionistas. Na visão de Carlos Heitor Cony, no Brasil pós 64, havia o mesmo clima que os judeus viveram no Egito e na Segunda Guerra Mundial no Campo de Concentração. Explicando esse “intertexto histórico”, Cony aponta como Paulo Simões fez, assim como ele, sua travessia literária, pois

[...] sempre quis escrever um livro que tratasse da luta pela liberdade e o exemplo que eu dou, talvez o exemplo histórico mais forte de luta pela liberdade ao longo do tempo foi o episódio do Pessach dos Judeus. O Egito, que era a grande potência da época, prendeu todos os judeus, acabou com a Judeia e botou todos os judeus como escravos. Mas eles não eram escravos individuais, eram escravos que ficavam numa praça e aí chegava um egípcio lá e falava: você, você e você, e levava o cara para trabalhar à força. Então os judeus eram escravos públicos e assim viveram muito tempo, até que apareceu Moisés e outros e se tornaram líderes, e viram os soldados do Faraó matarem os judeus e se revoltaram, inclusive o próprio Moisés que não era judeu, Moisés era egípcio, mas viu os soldados matando os judeus, se indignou, descobriu sua origem e resolveu fazer o pessach. Pessach em hebraico significa passagem por cima. Moisés, então, começou a liderar o grupo de judeus contra o Faraó, contra o estado. O Faraó que era todo poderoso era líder do Egito que era os Estados Unidos de hoje e o Faraó seria uma espécie de Trump [...] Isso é que o

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de *Pessach: a travessia***, de Carlos Heitor Cony.

Pessach. Uma noite de travessia para a liberdade. (BACCARIN-COSTA, 2018, p. 184).

O narrador de **Pessach: a travessia**, assim como o seu autor, entendiam que o Governo Militar brasileiro se assemelhavam ao Faraó egípcio que aprisionou, escravizou, torturou e matou o povo judeu, conforme narrado na Bíblia. Mesmo reconhecendo essa similaridade entre esses fatos históricos, e buscando nas suas reflexões uma nova forma de produzir sua literatura, Paulo Simões está acomodado na zona de conforto de autor de relativo sucesso e não parece animado a entrar numa luta que lhe parece inglória. A situação de Simões era uma metáfora da própria encruzilhada que a literatura vivia naquele período e a urgência de se fazer uma travessia, dar uma guinada.

A travessia a que Cony se refere é certamente o que Renato Franco (1998, p.57) denomina de amadurecimento da literatura engajada brasileira. Porém, para ele, tanto Cony quanto Paulo Simões, assim como Antonio Callado e seu Padre Nando revelam, além da resistência literária, a “questão da determinação, da identidade pessoal que parecia estar, decididamente, padecendo de graves ameaças”. Eurídice Figueiredo (2017, p.58), concordando com Franco, ressalta, por outro lado, que a polissemia presente no título do romance de Cony “remete à própria passagem do personagem de uma vida burguesa e a uma vida revolucionária em busca de um país melhor (Terra Prometida, grifo da autora)”.

Franco (1998, p. 53) também ressalta que, nos primeiros romances da chamada literatura engajada nos anos 1960-1970, foi bastante comum a abordagem que tratava da “[...] questão da determinação, da identidade pessoal que parecia estar, decididamente de graves ameaças”. Especificamente, em relação à postura de Paulo Simões, em **Pessach: a travessia**, o teórico argumenta que:

A postura do narrador-personagem funciona, na primeira parte do romance, tanto como uma crítica à condição de escritores e artistas que - como ele próprio, optam pelo alheamento diante da vida política ou teimam em não se sensibilizar com as agudas contradições envolvidas no processo social do país- como também a produção literária que, já nessa época, preocupava-se com a integração do mercado cultural, embora este fato tenha adquirido maior visibilidade apenas no decorrer da década seguinte.” (FRANCO, 1998, p. 57).

Estas dificuldades, bastante presentes em obras como **Pessach: a travessia**, de Carlos Heitor Cony e **Quarup**, de Antonio Callado - ambas consideradas divisores de águas na nossa literatura - estavam também de acordo com Franco (1998) , enraizadas não só na

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de *Pessach: a travessia***, de Carlos Heitor Cony.

conjuntura histórica de um regime ditatorial - que iria se intensificar no ano seguinte, com a imposição do AI-5 e que afetaria boa parte da produção literária e cultural da década seguinte - como também “fincadas no processo de modernização, que criava de fato obstáculos novos para a experiência literária até alterando as relações entre o romance e a realidade social”. (FRANCO, 1998, p.58)

Num período em que a visão de futuro estava completamente turva, apontam Hollanda e Gonçalves, as artes brasileiras passavam por um novo turbilhão não só de renovação estética como da necessidade de “recriar” uma linguagem que atingisse o maior número de pessoas e estas pudessem ter o mínimo de consciência do que realmente acontecia no Brasil dos Militares. Nessa efervescência, Paulo Francis publica um artigo na revista **Visão** onde prevê um [...] “ ‘extraordinário reacionarismo’ das correntes nacionalistas e o ‘estéril alheamento face à sensibilidade nacional’ das experiências vanguardistas” (GONÇALVES & HOLLANDA, 1979, p. 7).

Os estudiosos salientam também que, naquele momento histórico, houve também uma espécie de cisão entre os próprios produtores culturais e que Francis apontava isto já naquele artigo. Esse processo é também apontado por Flora Süssekind, em seu **Literatura e vida literária**, quando destaca que muitos autores se serviram das benesses dos militares para publicar seus livros e até ganharem alguns prêmios.

Os que se opuseram a isto, identificados por Gonçalves e Holanda (1979) como aqueles que exerceram a hegemonia cultural da esquerda, precisaram usar uma linguagem mais metafórica e alegórica para poder driblar os rigores da censura. Isso acabou resultando numa arte e numa literatura mais engajadas, mais amadurecidas. Por outro lado, permitiu que experimentássemos novas formas de arte e literatura com uma linguagem mais fragmentada, mais híbrida, mais imagética.

Para se chegar a esta linguagem experimental, esse diálogo com outras artes e novos suportes discursivos foi preciso antes tentar superar essa desilusão, o que, de acordo com Silverman (1995, p. 56), fez com que vários autores a partir de **Pessach: a travessia**, de Carlos Heitor Cony, e **Quarup**, de Antonio Callado, usassem um texto a partir de um memorial ficcional o qual produz os melhores efeitos caricatos que o “materialismo sem peias e a atrofia política da ditadura militar impingiram aos novos adultos do país.” A partir de então, a literatura começou a atingir um processo de maturidade política partidária que se

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência**: uma análise da narrativa autoficcional de **Pessach: a travessia**, de Carlos Heitor Cony.

reflete diretamente na produção literária por meio de alegorias e metáforas corajosas que procuravam despertar o “mínimo de consciência social e política neste período”.

Silverman (1995, p.104) vai mais além ao atribuir a Cony e a Callado o status de tradutores iniciais de um momento chave para história política e literária brasileira, no qual ambos, ainda que alegoricamente, mostram “a dura realidade, as notícias que, por longo do tempo, ficaram oficialmente abafadas.” Isto porque, na sua visão, tanto Paulo Simões no romance de Cony quanto Padre Nando de **Quarup**, fazem sua travessia político e social, saindo de sua zona de conforto e comodidade e mergulhando num processo de metamorfoses física, emocional e política.

Considerações finais

Ao adotar um procedimento de caráter memorialista para construir seus romances, Cony e Callado documentaram “conspicuamente os abusos governamentais, desdenhando sua imoralidade e oferecendo uma solução revolucionária – todos temas expressamente políticos.”, defende Franco (1998). Abordar esses temas, ainda que metaforicamente, foi uma forma de inovação e especialmente de resistência. Dessa maneira, **Pessach: a travessia** e **Quarup** possibilitaram o surgimento de novas linguagens, novas experimentações estéticas em romances não menos engajados, mas também políticos, como é o caso de *Zero*, de Ignácio Loyola Brandão, *Cidade Calabouço*, de Ruy Mourão e **A Festa** de Ivan Ângelo.

Ao transformar um autor em crise como uma pessoa, familiar e profissional em guerrilheiro e autor engajado questionando a situação histórica e o próprio fazer literário, Cony antecipa procedimentos que marcarão a literatura engajada e memorialista da década de 1970. Antonio Callado transforma universitários e escritor em guerrilheiros em **Bar Don Juan**, Ivan Ângelo aborda o tema em **Casa de Vidro**, Ignácio de Loyola Brandão aborda o assunto em **Não verás país nenhum**, Renato Pompeu o faz também em **Quatro Olhos**.

Assim, **Pessach: a travessia**, ainda que seja construído de maneira linear e mantendo a estrutura clássica do romance, já antecipa algumas características que serão predominantes na Literatura Brasileira. Dente elas, podemos mencionar a narrativa fragmentada que, a partir de si, redimensiona as condições de produção e permite uma leitura crítica e reflexiva do passado, utilizando a memória como fio condutor da história, pois como

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de *Pessach: a travessia*, de Carlos Heitor Cony.**

defende Barthes (2001, p.), “a narrativa (notadamente um romance) não é então mais que a expressão de um eu que lhe é exterior”.

Portanto, o romance de Carlos Heitor Cony pode e deve ser mais estudado não apenas como um marco fundador de uma fase do romance brasileiro no século XX, mas também como um romance que, ao lado de **Quarup** de Antonio Callado, anteciparam tendências que seriam consolidadas nas décadas seguintes na Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS

BACCARIN-COSTA, Eduardo Luiz. Carlos Heitor Cony e Paulo Simões: a mudança estética de autor e personagem em *Pessach: a travessia*. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 182-193, nov. 2018. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2018v23n2p182/37816>>. Acesso em: 22 dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2018v23n2p182>.

BARROS, Deusa C. **Memória e História na ficção de Carlos Heitor Cony: um estudo dos romances *Pessach: a travessia* e *Romance sem Palavras***. (Dissertação de Mestrado). Goiânia (GO): Universidade Federal de Goiás, 2003.

CONY, Carlos Heitor. **Entrevista concedida a Eduardo Baccarin-Costa em 16.ago.2016**. Rio de Janeiro, RJ, 2016.

CONY, Carlos Heitor. **Pessach: a travessia**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DALCASTAGNÉ, Regina. **O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: Editora UnB, 1996.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad. Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ESTEVES, Anônio. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: EDUNESP, 2010.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7letras Editora, 2017.

FRANCO, Renato. **Itinerário Político do Romance Pós-64: A Festa**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

_____. Anotações de literatura e catástrofe no Brasil: anos 70 in. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

COSTA, Eduardo Luiz Baccarin. **A literatura como instrumento de resistência: uma análise da narrativa autoficcional de Pessach: a travessia**, de Carlos Heitor Cony.

GONÇALVES, Marcos A.; HOLLANDA: Heloísa B. Política e Literatura: a ficção da realidade brasileira. In: NOVAES, Adauto et al. **Anos 70**. Rio de Janeiro: Europa Emp. e Editora Ltda, 1979-1980.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. Tradução Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1997.

SCHWARZ, Roberto. **Cultura e política, 1964-1969**. In: O pai de família e outros estudos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária: polêmicas, diários e relatos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

Recebido em 14/07/2018
Aprovado em 15/11/2018